

o homem e o mundo

O RACIONALISMO DE FREUD

De EVARISTO DE MORAES FILHO

EM geral, ficam das doutrinas as suas formas iniciais, mais polêmicas e renovadoras. E uma vez classificadas neste ou naquele tipo de pensamento, uma vez catalogadas segundo os moldes de escola, dificilmente conseguem mudar de ficha. E' que todos os começos são decisivos para a sorte futura da nova teoria, sendo necessário um certo exagêro de conceitos para a obtenção de um lugar ao sol. Depois, vai chegando um meio termo conciliador e mais tranqüilo, como quem verifica a existência de uma larga margem comum entre todas as possíveis maneiras de se interpretar o mundo e a vida.

Foi o que se deu com a doutrina de Freud. A princípio, chocante por suas próprias idéias a respeito da sexualidade, despertou desde logo dois sentimentos opostos, mas igualmente violentos: adeptos intransigentes e adversários intolerantes. Pela polêmica que se formou, viram-se ambas as partes levadas a um exagêro perigoso, esquecidas da terra de ninguém, calma, meio morna, mas eterna e sempre virtuosa...

Por outro lado, poucos pensadores podem ser encontrados na história das idéias que tenham sido tão vilmente falsificados como Sigmund Freud. Muitas vezes, constituiu-se a crítica de certos adversários em uma refutação de suas próprias premissas, adredemente preparadas. As afirmações que se destruíam depois, caíam como castelos de areia, porque foram feitas de propósito para êste resultado. Atribuíram-se a Freud afirmativas que não fêz e absurdos que não cometeu. E mesmo, quando realmente se respigava a sua obra, procurava-se, com espírito prevenido, êste ou aquêle trecho isolado, capaz de comprometé-lo. Não tinham alguns dos seus desafetos a boa-fé de compreendê-lo em conjunto, como sistema. Não se interessavam pelos seus ideais éticos, nem pelos seus fins moralizadores. Buscavam somente o escândalo de uma opinião extremada.

Os piores leitores, sentencia Nietzsche no aforisma 137 do *Humano, demasiado humano*, são os que procedem como soldados entregues à pilhagem: apoderam-se aqui e ali do que lhes interessa, mancham e confundem o resto, cobrindo-o de ultrajes. E ninguém foi mais vítima desta singular e desonesta maneira de ser lido do que Freud. Como quem cata pulgas, procuraram na sua obra o exagêro dos começos, desprezando o resto da sua doutrina construtiva.

Filosoficamente, encontramos o pensador de Viena incluído entre os representantes mais puros de um exaltado irracionalismo, de um anti-intelectualismo que atinge às raias do desvario. Não hesitam alguns de seus discípulos e dos seus adversários — nisso de acôrdo — em classificá-lo como inimigo ferrenho da razão, negador irreduzível de possíveis virtudes da inteligência humana. Basta recordar aqui um lúcido ensaio que, há alguns anos, publicou Aldous Huxley sobre a filosofia pré-logista da nossa época, destacando nela três grandes sistemas: o bergsonismo, o behaviorismo de Watson e o freudismo.

Não há dúvida que, nas primeiras obras, nas fundamentais mesmo como básicas de todo o sistema psicanalítico, ressalta Freud a irracionalidade da conduta, assim como o watsonismo o faz na opinião. No campo estrito da psicotécnica individual, baseou o psiquiatra austríaco a sua doutrina

na em dois princípios: o princípio de repetição e o princípio do prazer. Significam a busca do prazer e da libertação pela repetição dos atos, inerentes à natureza humana. Exteriorizam os impulsos brutos, naturais, primitivos e inconscientes que tendem sempre a repetir-se. A essa *personalidade inconsciente*, que mais tarde vai se conservar no adulto através dos sonhos e dos atos instintivos, Freud chama de *Id*, por isso que é comum a todos nós. Somente em nova fase evolutiva surge o *Ego*, nascido dêste *Id* e da *repressão do meio*.

Ainda neste mundo instintivo, de pura energia biológica, de base quase físico-química, distingue Freud dois impulsos: os impulsos de vida e os impulsos de morte, que tendem à construção ou à destruição do ser. Pela nutrição ou pela reprodução, buscam os primeiros o equilíbrio entre o ambiente e o indivíduo, ao passo que os segundos o agridem, desagregando-o. Fixou-se Freud com mais cuidado nos primeiros, a que deu o nome de *libido*. Em suas palavras: "A libido designa a força com a qual se manifesta o instinto sexual, como a fome designa a força com a qual se manifesta o instinto de absorção da nutrição". Em obras posteriores, como na *Psicologia coletiva e análise do eu*, desenvolve Freud grandemente esta noção, chegando a confundí-la com o próprio amor em sentido amplo, com o *Eros* de Platão ou o *Agapé* (amor-caridade) de São Paulo.

Prosseguindo na análise das diversas camadas da personalidade humana, mas já agora não mais como puro fato da teoria do conhecimento cosmo-psicológico, como o *Ego*, surge o *Superego*, de índole eminentemente social, relacional, resultante do conhecimento ético (consciente). Estamos diante da consciência moral ou da censura, que orienta o indivíduo para uma melhor adaptação ao meio social em que vive, proibindo-o de manifestar livremente o seu mundo instintivo. Daí os recalques, os deslocamentos e as transferências.

Nesta parte da sua obra, dedicava-se Freud aos estudos referentes à personalidade inconsciente e suas conseqüências no psiquismo superior, mas com absoluta preponderância daquela. E isso se explica facilmente pelo caminho que vinha percorrendo. Chegou êle a tais conclusões através de observações de neuróticos, principalmente de histéricos. Era seu objetivo — segundo dizia então — "conduzir à consciência o material patogênico, dando fim dêste modo aos padecimentos ocasionados pela produção de sintomas de substituição".

Com a noção de *Superego*, como "um forte aparelhamento disposto em nós de modo geral contra a invasão dos complexos inconscientes", já apresenta Freud alguma coisa de racional e de lógico na conduta humana. Aliás, já antes dêle dizia Schopenhauer que a nossa vida consciente é uma resistência de todos os instantes. Assim, pelo patológico chega Freud ao indivíduo normal, de vez que "as neuroses não têm um conteúdo psíquico que, como privilégio dos neuróticos, não se possa encontrar nos sãos". Aquêles adoecem pelos mesmos complexos com que lutamos nós, os que temos saúde perfeita, completaria Carl Jung.

Depois da guerra de dezoito, dedicou-se Freud a desenvolver as suas idéias sobre uma visão de

O RACIONALISMO DE FREUD

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 65)

conjunto do homem e da vida, procurando construir definitivamente a sua concepção do universo, a sua *Weltanschauung*. Libertava-se agora daquelas pesquisas exaustivas no terreno da psicoterapêutica das histerias e suas classes, para ingressar no campo mais amplo e espiritual de um verdadeiro sistema filosófico.

Uma concepção do mundo — escreve ele — é uma construção intelectual, capaz de resolver segundo um único princípio todos os problemas que propõe a nossa existência. Responde a todas as questões possíveis e permite classificar em um lugar determinado tudo quanto possa nos interessar. É natural que os homens procurem fazer essa representação do mundo e que a elevem como um de seus ideais. A fé que lhe atribuem permite-lhes sentir mais à vontade na vida, de saber para que lado caminham e de que modo podem orientar mais útilmente seus sentimentos e seus interesses.

E é por volta de 1927, com o livro *O futuro de uma ilusão*, que Freud expõe a sua concepção total do universo. Cansado de olhar para o passado, preso à própria técnica psicanalítica — que, à maneira de Anatole France, bem poderia ter como máxima o seu pensamento: "o passado é a única realidade humana. Tudo o que existe é passado", — voltou-se Freud para uma visão futura dos destinos da humanidade. E nota desde logo a necessidade urgente de conciliar a razão com o *instinto*, abandonando o mundo impressionante e tumultuoso do inconsciente. É preciso que o homem consiga controlar os seus instintos e impulsos através de um programa de vida inteligente, de padrões de racionalidade.

A maneira de Kant, como que se divide o freudismo em duas direções opostas. Em seus estudos estritamente psicanalíticos, do ser psicológico como indivíduo, numa atitude cega para os valores (*wertblind*, na exata terminologia alemã), declara Freud que "os homens são pouco acessíveis aos argumentos da razão" e "são movidos pelos seus instintos", mas quando se coloca numa atitude valorativa (*bewertend*), do dever-ser, prático-filosófica, altera completamente o seu ponto de vista e confessa: "Não temos outro meio senão nossa inteligência para dominar nossa vida instintiva".

E ainda na mesma orientação racionalista: "Podemos tanta vez acentuar que a inteligência humana seja sem força em comparação com a vida impulsiva, e teremos razão. Mas nessa fraqueza alguma coisa existe de particular: a voz da inteligência é débil, mas não descansa enquanto não se faz ouvir. Por fim, depois de inúmeras e repetidas repulsas, ela se impõe. Esse é um dos poucos pontos pelos quais devemos ser otimistas, quanto ao futuro da humanidade; mas em si representa não pouca coisa. Ainda podemos fundar nisso as nossas esperanças".

E logo adiante, contrapondo-se às concepções do mundo que fazem depender os destinos humanos de valores estranhos ao próprio homem, prega a fé no sentido da vida e do autogoverno da humanidade por suas próprias criações: "Cremos que é possível ao trabalho científico conhecer alguma coisa sobre a realidade do mundo, com ela o nosso poder se pode elevar e por ela poderemos dirigir a nossa vida".

Nesta altura, devemos parar um pouco e medir a longa distância que se coloca entre as duas posições assumidas por Freud: a do instintivista das primeiras obras e a do racionalista das últimas. Sim, é próprio de qualquer racionalismo,

como destaca Jean Laporte (*Le rationalisme de Descartes* — Paris — 1945 — pág. XVI considerar as coisas não mais como contingentes e sim como necessárias. Isto é, procura sempre conter os fenômenos naturais e atos humanos dentro de uma concepção intelectual, lógica, válida universalmente.

A verdade é que, como escreveu Henri Poincaré, embora a razão seja um simples relampejar no meio das forças universais, esse rápido clarão é tudo para o homem. E outro grande contista, Bertrand Russel, nos seus *Skeptical essays* (1928) também escreveu: "Creio que todo o verdadeiro progresso do mundo consiste em um aumento de racionalidade prática e teórica".

De fato, o que a razão não puder fazer, não serão as outras forças desordenadas e cegas da alma humana que o conseguirão. Racionalidade significa tão somente isto: o hábito de recordar e comparar os nossos principais desejos e não nos entregarmos de imediato somente ao que nos domina em dado momento. É preciso que a conduta humana seja orientada por uma escala de valores éticos, guiados pelos juízos intelectuais. E isto o homem o consegue pelo uso da reflexão no material bruto que lhe fornece a sua experiência realmente vivida.

Que diriam agora os detratores de Freud, os que o relegaram a uma filosofia primária de puros instintos, vendo-o assumir uma atitude intelectual bem irmã do racionalismo kantiano, de uma escolha consciente de motivos para a conduta humana? Embora não alcançando a rigidez do imperativo categórico do filósofo de Königsberg, envereda Freud por um caminho semelhante de fé no domínio da razão, embora reconheça que este dia ainda não chegou para a humanidade. Mas que distância entre o médico dos neuróticos, todo lambusado de *libido* e o ardente apologista da ciência e da força espiritual do homem!

E embora com todos os mal-entendidos, as confusões, as defecções da criatura humana; apesar das quedas desanimadoras na ascensão de nós outros, pobres mortais, ainda assim compartilhamos da mesma fé do antigo terapeuta dos histericos: "O primado da inteligência ainda está longe, muito longe, mas não no infinito".